

DAR VOZ ÀS ARTES — EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Maria Manuela Ferreira da Cunha

Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS XX), da Universidade de Coimbra

Sara Vidal Maia

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) da Universidade do Minho

Resumo: O presente estudo analisa a conjuntura portuguesa, durante a pandemia provocada pela COVID-19, enquadrada entre março de 2020 e abril de 2021. Um ano em análise e várias emoções sentidas, partilhadas pelos portugueses e definidas pelos técnicos de saúde e saúde mental. Um ano em que o papel das artes e dos artistas foi crucial para ajudar a superar o isolamento. Conhecidos, desconhecidos, mais influentes ou ainda a crescer no mundo das artes, os agentes culturais foram dinamizadores de momentos criativos e de aproximação de indivíduos votados ao isolamento forçado pelas autoridades de saúde e pelo Estado. Destaca-se, igualmente, o papel desempenhado pelas instituições culturais, nomeadamente museus e teatros, que mesmo de portas fechadas «alimentaram» os visitantes, adaptaram o seu palco e a sua ação, e continuaram a oferecer educação, civilidade, arte e cultura aos novos visitantes digitais. Consideramos importante estudar o papel desempenhado pelos artistas e pelos agentes culturais, que invadiram o espaço privado, mas que difundiram esperança, tornando-se interventivos na saúde mental, no bem-estar e na vida dos portugueses.

Palavras-chave: cultura; arte; ação; pandemia; COVID-19.

Nota de abertura

«Pandemia» é a palavra que paira no pensamento e nos discursos desde março de 2020. Mês após mês chegava-se ao fim de 2020 e aspirava-se por um novo ano, pela realização de novos projetos, por encerrar e abrir novos ciclos, mas, grande parte, continuou condicionado face à COVID-19. Esta nova forma de viver, estar e ser, extremou a forma de fruir as artes, os modos de *turistar* ou assistir a espetáculos. Estas experiências estão, atualmente, em transformação.

Com este artigo pretendemos demonstrar de que forma o sector cultural contribuiu para a saúde mental dos portugueses. Este foi um sector que se reinventou, não obstante os frágeis apoios estatais que recebeu, criando alternativas artísticas e experiências — maioritariamente digitais e gratuitas — de forma a preservar e atrair o público. Trata-se de um período arbatadamente incerto para muitos sujeitos (quer a nível pessoal, quer a nível profissional), onde foram identificadas inúmeras crises familiares e individuais (inclusivamente no âmbito da saúde mental). Urge reconhecer o especial contributo da cultura e das artes na manutenção de algum tipo de usufruto cultural e «normalidade social».

Artistas, organizações e profissionais do sector cultural adaptaram-se e transformaram o seu trabalho e a sua produção, mantendo a regularidade criativa e auxiliando os públicos a atravessarem períodos de isolamento social. Este artigo procura mostrar exemplos de produção cultural adaptada à nova realidade que a COVID-19 instaurou no mundo e, particularmente, em Portugal.

O sector cultural no contexto pandémico — asfixia *versus* reinvenção

Se entendermos a cultura como o conjunto de marcas — espirituais, materiais, intelectuais e afetivas — características de uma sociedade ou um grupo social (Unesco, 1982), cedo percebemos que a cultura e o sector cultural, à escala global, foram fortemente afetados pela pandemia. Segundo Manuel Gama (2020, p. 144), várias instituições internacionais lançaram «iniciativas dignas de registo e que visaram sublinhar ou mitigar os impac-

tos negativos da COVID-19 no sector cultural», destacando o trabalho da Comissão para a Cultura e a Educação do Parlamento Europeu, a reunião de Ministros da Cultura promovida pela Unesco e o movimento *Culture 2030 Goal*. Ainda segundo o autor, deu-se uma «mobilização rápida de organizações representativas do sector, alertando para os problemas que se avizinhavam» (Gama, 2020, p. 144), dando como exemplo a *European Cultural Foundation*. A par disto, vários estudos e análises foram realizados, com o objetivo de examinar a situação particular de cada contexto e sector.

Na conjuntura portuguesa, os impactos da COVID-19 foram atroz para o sector cultural. Às limitações impostas pela pandemia foram acrescentadas «as debilidades estruturais que se têm traduzido de múltiplas e variadas formas ao longo dos anos (e.g. desarticulação intersectorial, desarticulação entre os diversos níveis da administração pública, excesso de protagonistas políticos, precarização, subfinanciamento)» (Gama, 2020, p. 145). De acordo com a primeira etapa do estudo *Impactos da COVID-19 no sector cultural português* (2020), conduzido pelo Observatório de Políticas de Comunicação e Cultura (POLObs) da Universidade do Minho, o cancelamento de espetáculos e atividades, e o encerramento de espaços culturais contribuem para o agravamento das dificuldades financeiras dos profissionais do sector.

Este estudo do POLObs refere ainda que a reação da tutela nacional foi demorada e que a importância da cultura foi considerada «residual» pelos representantes políticos. Desta forma, profissionais e organizações do sector cultural começaram, desde cedo, a criar estratégias de subsistência, por força da paralisação inevitável provocada pela pandemia. É neste contexto que a oferta cultural se digitaliza, sendo criados espetáculos, atividades e visitas virtuais, capazes de atrair o público que se encontrava em casa, respeitando o período de confinamento. Portanto, entre março de 2020 e abril de 2021 (com períodos alternados de confinamento, isolamento voluntário e distanciamento social) as *livestreams*¹ substituíram aquilo que era conhecido como a vida sociocultural do cidadão português.

Apesar de ainda se discutir qual o lugar da gratuidade da cultura e das artes que circulam pela Internet, é certo que os novos formatos online

¹ Plataforma de transmissão em tempo real que permite aos usuários visualizar e transmitir conteúdo de vídeo pela Internet usando uma câmara e um computador.

permitiram ao público visitar museus, assistir a concertos de música, dar gargalhadas com programas humorísticos, ver filmes, documentários e séries televisivas. Todos estes formatos se apresentaram como alternativa e, em alguns momentos, como complemento ao presencial, ou à falta deste.

Cultura e arte em tempos de pandemia — a possível fruição das artes

A nova realidade com que forçosamente todos lidam é, por si só, limitadora das escolhas e liberdades individuais. A possibilidade de escolher onde ir, o que fazer, ou até como viver, foi dilacerada pela COVID-19 e todos os constrangimentos sociais, culturais e económicos que acarretou estão ainda a ser analisados. A realidade profissional alterou-se profundamente, muitos sujeitos viram-se confinados a casa, aos novos «escritórios» que se confundem com o sofá familiar. As crianças foram «enclausuradas», o ensino e o mundo escolar passaram a ter paredes mais estreitas. Muitos ficaram sem trabalho ou em situações de instabilidade, *layoff* ou insolvência, o que fez desabar muitos indivíduos.

Acresce a estes fatores a realidade da evolução do vírus em Portugal. Os dados da Direção Geral da Saúde (DGS) são públicos, noticiados diariamente, e dão-nos conta de quase 17 000 óbitos, mais de 840 000 infetados, mais de 800 000 recuperados e 10 500 000 de testes realizados². Impõe-se vacinar e também estes valores já se conhecem e atualizam-se a cada vinte e quatro horas.

Esta colossal mudança no panorama social demonstrou que o isolamento domiciliário não é apenas físico. Ansiedade, depressão, cansaço mental, disfunções cardíacas, *stress*, receios e medos são vários dos efeitos relatados no âmbito desta nova realidade. Torna-se, por isso, urgente criar condições para que os sujeitos ultrapassem ou aprendam a lidar com estas alterações físicas e mentais. Não obstante a intervenção médica, percebe-se que a arte e a cultura, nas suas vertentes mais variadas, podem contribuir positivamente para

² Dados confirmados à data de 02 de abril de 2021, através do site oficial do Ministério da Saúde: <https://covid19.min-saude.pt/> reforçados pelo canal de notícias RTP: https://www.rtp.pt/noticias/pais/a-evolucao-da-covid-19-em-portugal_i1213879

o controlo de algumas destas condicionantes. Nesta linha de pensamento, os autores Braus e Morton (2020) propõem uma possibilidade de tratamento através da arte-terapia e do *mindfulness*. Os autores destacam exemplos práticos e que podem resultar de necessidades básicas como a alimentação e o vestuário. Ou seja, a diversificação das formas de produzir pão, um bem alimentar essencial e muito consumido, ou a forma de vestir, que conjuga o executivo com o confortável, podem ser atividades criativas que contribuem para manter alguma saúde mental. Muitos portugueses aproveitaram os momentos de confinamento para se dedicarem aos seus lares, customizando móveis, roupas, varandas ou jardins, não só como forma de se adaptarem aos novos espaços de trabalho em ambiente doméstico, mas também como ocupação dos tempos livres e preenchimento de lacunas sociais.

Como possibilidade de tratamento mental, a arte (e as terapias que dela derivam) comunga da relação entre o criador, o trabalho artístico e o terapeuta para atingirem os objetivos pretendidos. É aqui que se valoriza a imaginação, o meio simbólico e as metáforas como recursos terapêuticos (Martins, 2012). Antes do contexto pandémico atual, investigadores de saúde mental já apresentavam as suas considerações sobre a arte ao serviço dos indivíduos em geral e das pessoas com doença mental em particular. Por exemplo, Secker *et al.* (2007) exploram os benefícios das atividades artísticas em pessoas com necessidades de saúde mental. Da amostra de 62 pessoas que integraram este estudo, a maioria obteve melhorias significativas, nomeadamente na autoconfiança, na autoestima e na socialização.

A Ordem dos Psicólogos (OPP) emitiu, em março de 2021, um comunicado revelador sobre a saúde mental em Portugal. A preocupação é patente «tendo em consideração as dificuldades que muitos cidadãos já enfrentam ou irão enfrentar: isolamento, preocupações com a saúde e o bem-estar próprio e dos familiares, medo de contágio, conflitos familiares e laborais, medo de perder ou mesmo perda de emprego e dificuldades financeiras, entre outras» (Convenção Nacional da Saúde [CNS], 2021). As pessoas afetadas constituem, assim, uma grande fatia da população portuguesa, sendo que «os grupos mais vulneráveis são as pessoas com doenças crónicas, jovens adultos com um futuro profissional muito incerto, desempregados, pessoas com suporte social escasso e/ou com dificuldades financeiras e as crianças e os adolescentes» (CNS, 2021).

Os dados apresentados mostram um panorama pouco animador no que diz respeito à saúde mental dos portugueses. Neste contexto, insere-se o papel da arte e da cultura como mecanismos de intervenção nos problemas identificados. Não é propósito explorar a vertente psicoterapêutica da arte (com recurso terapêutico), mas sim mostrar como as artes e a cultura, no contexto atual, apresentam uma alternativa às limitações sociais e proporcionaram momentos de entretenimento e fruição individual. Pretende-se demonstrar como o usufruto cultural e artístico pode ter uma função «terapêutica», ao criar uma condição de alienação temporária da realidade sufocante em que muitos sujeitos se encontram.

Se tivermos em conta a definição de cultura exposta no início deste artigo e a definição de saúde defendida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e traduzida por Segre e Ferraz (1997, p. 539) — «não apenas como a ausência de doença, mas como a situação de perfeito bem-estar físico, mental e social» —, percebe-se que a relação entre as duas pode ser bastante produtiva. No fundo, uma sociedade saudável é também aquela capaz de desfrutar de património, bens e serviços culturais, apreciando a arte como circunstância criativa e capacitadora de outras formas de estar mais «saudáveis».

Nos ciclos de influência mais próximos de cada leitor, é comum ouvir expressões como «estou ansioso por sair de casa», «tenho saudades de passear», «sinto falta de dançar». Estas verbalizações coincidem certamente com as vontades individuais de cada um. Na impossibilidade de cumprir esses desejos, a busca por canais pagos aumentou significativamente: a Netflix fechou o ano de 2020 com um crescimento de 37 milhões de utilizadores (Sérvio, 2021); os canais generalistas nacionais ganharam, em média, mais 20 minutos de atenção dos portugueses, sendo os programas de humor os mais procurados (Meios e Publicidade, 2021); segundo o Diário de Notícias, mais 349 mil pessoas assistiram à televisão por dia, registando-se um particular incremento nos meses de pandemia (Bernardino, 2021); os músicos puderam partilhar o seu trabalho com milhares de pessoas via *live streaming* (Borges, 2020); e acelerou-se a transição digital nas instituições museológicas (Agência Lusa, 2021).

Procedimentos metodológicos

Atendendo às limitações de tempo e de dimensão, o nosso estudo focou essencialmente considerações técnicas produzidas durante a pandemia. Esta é uma realidade que conhece testemunhos históricos, mas que se enquadra num tempo novo, num contexto social diferente e cujas conclusões são ainda desconhecidas.

A informação flui rapidamente e a sua consulta cumpre com os preceitos essenciais para este estudo. A leitura e análise bibliográfica contou com um complemento valiosíssimo: a audição de testemunhos ativos, ou seja, agentes culturais que promoveram ações de interação com o seu público digital. Contamos com a participação de instituições culturais, nomeadamente o Centro Interpretativo das Memórias da Misericórdia de Braga (CIMMB), uma instituição tutelada pela Santa Casa da Misericórdia de Braga, e o Teatro e Marionetas de Mandrágora, tutelado pelo Ministério da Cultura. No que respeita aos artistas, contamos com a cantora de jazz Jacinta e os cantores Gonçalo Paiva e Tiago Silva. A participação destes agentes foi concretizada através de um convite direto, feito via telefone ou email, acompanhado de um questionário online, que procurou recolher informações gerais sobre o respondente, sobre o seu público, sobre as ações/atividades desenvolvidas no período em análise e os formatos utilizados, bem como os benefícios mútuos identificados.

Estudo de caso: a resposta das artes

A intenção de ouvir os agentes culturais sempre se impôs quando nos propusemos a desenvolver este estudo. Jacinta, Gonçalo Paiva e Tiago Silva foram os artistas, no âmbito da música, que cederam a responder a algumas questões, definidas e desenhadas para os artistas que durante os anos de 2020 e 2021, constrangidos e confinados, desafiaram o público e os artistas a solidificar as suas perspetivas. Jacinta, a voz do jazz nacional, revelou que no confinamento de 2020 participou em algumas entrevistas e conversas; já no ano seguinte, entre os meses de janeiro e março, produziu e gravou *singles*. Um processo semelhante teve Gonçalo Paiva, que durante

o confinamento de 2020 produziu conteúdos digitais para as redes sociais, fez trabalho de estúdio, participou em concertos online e entrevistas. Tiago Silva, residente em Coimbra, revelou que durante o confinamento de 2020 a sua produção artística foi além das composições e das gravações, uma vez que participou no programa *The Voice Portugal* e criou um programa no Youtube: «Unidos pela Música Portuguesa». Este processo, com início no confinamento de 2020, deu frutos e um ano depois o seu programa contou, à data de abril de 2021, com 4908 visualizações e com dois episódios lançados. O investimento na comunicação digital foi destacado pela maioria dos entrevistados. Tiago Silva salientou que a sua página de *Instagram* teve 113 736 visitas e mais de 50 000 reações.

Quando questionamos os artistas sobre os benefícios que estas dinâmicas digitais poderiam ter na vida do público, as respostas expressaram a «novidade nos conteúdos disponíveis» e a «alegria», patenteando a valoração do bem-estar promovida na vida de todos os que assistiram. No que respeita aos benefícios para os próprios, importa sublinhar a «satisfação de ter tempo para trabalhar e dedicar a um projeto». O tempo do artista é diferente do tempo do público: o seu tempo de produção é mais dilatado nas horas do que o tempo de usufruto do público (que desfruta dos resultados artísticos por momentos).

As instituições convidadas espelharam a realidade museológica e teatral. O exemplo e as circunstâncias impostas às instituições, em 2020, serviram de aprendizagem para se reestruturarem e adaptarem. Os dados partilhados pelo Centro Interpretativo das Memórias da Misericórdia de Braga (CIMMB) revelam que o período correspondente ao primeiro confinamento (de março a junho de 2020) registou uma quebra no número de visitantes. Contudo, é notório que após a abertura dos espaços culturais os visitantes aumentaram e voltaram, de modo progressivo, ao centro de Braga e às «janelas digitais» do CIMMB. Os dados referentes a este ano de 2021, do qual apenas podemos analisar o primeiro trimestre, mostram uma realidade antagónica: apesar de corresponder a um período de confinamento, não revelou uma descida dos visitantes, mas antes pelo contrário, os visitantes, mesmo confinados, procuraram os espaços culturais, as suas iniciativas, ofertas culturais e educativas.

No fundo, o confinamento de 2020 obrigou as instituições a desenvolverem iniciativas acomodadas a diferentes contextos, deixando-as mais

preparadas para a oferta cultural e artística do ano seguinte. O CIMMB relatou ainda o encurtamento de distâncias, trazido pelos meios digitais, que aproximou Braga (e Portugal) do Brasil, nomeadamente no VII Encontro de Pesquisadores, no IV Colóquio de Museologia e na ligação com a TV Olhar Brasileiro. Também o Teatro e Marionetas Mandrágora criou novos espetáculos como «O meu avô consegue voar» (inspirado na obra de Pedro Seromenho) e teceu parcerias que impulsionaram a sua dilatação, nomeadamente com a Porto Editora.

Quando questionadas sobre os benefícios que estas iniciativas trouxeram para as instituições, públicas e privadas, o CIMMB, através da sua coordenadora Manuela Machado, refere que esta «nova realidade» permitiu «desenvolver novos instrumentos de trabalho» e «conhecer novas ferramentas», revelando que a adversidade é propícia ao desenvolvimento de competências e aprendizagens. Por seu turno, o Teatro e Marionetas Mandrágora destacou que «as atividades online chegaram a um maior número de público». Quando questionados sobre os benefícios para o público, o CIMMB destacou a «partilha de conhecimentos» e a divulgação «da nossa identidade». A responsável do Teatro, Clara Ribeiro, sublinha a gratuidade das iniciativas desenvolvidas, que assim chegaram a um público que, normalmente, por questões geográficas ou económicas, não participariam delas.

Principais conclusões

Numa fase em que o bem-estar populacional deve estar no topo das prioridades, é igualmente necessário compreender o papel das artes como agentes dinamizadores desse bem-estar, dessa felicidade momentânea, que ajuda a ultrapassar as circunstâncias mais adversas. Se considerarmos o artista como criador e o trabalho musical ou expositivo como a arte produzida, percebemos que o indivíduo que assiste/usufrui se transforma no seu próprio «terapeuta». Terapeuta de si mesmo, o público procurou uma oferta cultural alternativa, pois sentiu que o seu estado emocional saía melhorado dessas experiências.

Importa compreender que os artistas também padeceram de maleitas criativas e económicas, mas compreenderam melhor a ligação que têm com

o seu público. Nos períodos de confinamento continuaram a desenvolver o seu trabalho, na forma de criação de novos e melhorados produtos artísticos, chegando a públicos de novas redes sociais ou ampliando o seu reconhecimento digital.

As instituições culturais assumiram papéis educativos, criando parcerias com outras instâncias nacionais e internacionais, de modo a cumprir e fazer cumprir a missão cultural patente nos valores pelos quais se pautam. Cursos formativos, exposições digitais ou encenações multimédia foram alguns dos caminhos que foram trilhados nestes meses. Os intervenientes auscultados neste processo compreenderam a dureza do contexto e tornaram-se na tábua de salvação de vários portugueses que procuraram, gratuitamente, chegar a programas alternativos, que os fizessem desligar da realidade pandémica e os elevasse a protagonistas de primeira fila dos espetáculos promovidos no mundo digital.

Se competia ao Estado cuidar, foram as artes que o fizeram: foram as instituições que desenvolveram dinâmicas, peças teatrais, formações e exposições que alimentaram os portugueses, que educaram os públicos e que melhoraram o seu estado de «satisfação». Foram a cultura e as artes que brindaram os portugueses com formatos de entretenimento alternativos, reconhecendo estes o elevado valor do sector cultural. Faltou, contudo, às estâncias superiores esse reconhecimento e apoio sectorial.

Referências Bibliográficas

- Agência Lusa (2021, março 13). *Covid-19. Público com adesão “cada vez maior” a espetáculos online*. Observador. Disponível em <https://observador.pt/2021/03/13/covid-19-publico-com-adesao-cada-vez-maior-a-espetaculos-online/>
- Agência Lusa (2021, março 24). *Covid-19: Museus portugueses perderam 70% a 80% dos visitantes*. Público. Disponível em <https://www.publico.pt/2021/03/24/culturaipilon/noticia/covid19-museus-portugueses-perderam-70-80-visitantes-1955792>
- Bernardino, C. (2021). *2020 sentou mais 350 mil portugueses por dia em frente à TV. A maioria a pagar*. Diário de Notícias. Disponível em <https://www.dn.pt/>

- edicao-do-dia/03-jan-2021/2020-sentou-mais-350-mil-portugueses-por-dia-em-frente-a-tv-a-maioria-a-pagar-13188007.html
- Borges, V. (2020, novembro 14). *Ver um concerto do sofá: será que o futuro da música ao vivo passa pelo streaming?* Público. Disponível em <https://www.publico.pt/2020/11/14/p3/noticia/-concerto-sofa-sera-futuro-musica-vivo-passa-streaming-1936800>
- Braus, Mallory; Morton, Branda. (2020). *Art Therapy in the Time of Covid-19*. In K. A. Kendall-Tackett. (Ed.), *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice and Policy*. (pp. 267-268). vol 12, American Psychological Association. Disponível em <https://psycnet.apa.org/fulltext/2020-37310-001.pdf>
- Convenção Nacional da Saúde. (2021). *CNS manifesta preocupação com o agravamento da Saúde Mental dos Cidadãos*. Lisboa, Portugal. Disponível em <https://cnsaude.pt/2021/03/24/convencao-nacional-da-saude-preocupada-com-o-agravamento-da-saude-mental-dos-cidadaos/>
- Gama, Manuel (2020). *Cultura e crise*. M. Oliveira, H. Machado, J. Sarmiento, M. C. Ribeiro (ed.) *Sociedade e crises*, (pp. 143-148). Braga, Portugal: Editora Universidade do Minho. Disponível em <https://ebooks.uminho.pt/index.php/uminho/catalog/view/21/48/584-1>
- Gama, Manuel (Coord.). (2020). *Impactos da COVID-19 no sector cultural português: Resultados preliminares de março de 2020*. Working Report Observatório de Políticas de Comunicação e Cultura, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho. Disponível em <http://polobs.pt/wp-content/uploads/2020/03/WR-1-POLOBS-Cultura-e-COVID-191.pdf>
- Martins, Daniela. (2012). *A arte-terapia e as potencialidades simbólicas e criativas dos mediadores artísticos*. (Não publicada, Tese de Mestrado em Educação Artística). Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Meios e Publicidade. (2021). *Audiências da semana: confinamento volta a impulsionar consumo, SIC e TVI mais próximas*. Disponível em <https://www.meiosepublicidade.pt/2021/02/audiencias-tv-confinamento-volta-impulsionar-consumo-sic-tvi-proximas/>
- Segre, M.; Ferraz, F. (1997). *O conceito de saúde*. Revista Saúde Pública (pp. 538-542). vol. 31 no. 5. São Paulo, Brasil. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101997000600016
- Secker, J., Spandler, H., Hacking, S., Kent, L. & Shenton, J. (2007). *Art for mental health's sake*. Mental Health Today. (pp. 34-36). Disponível em <https://www>

researchgate.net/profile/Suzanne-Hacking/publication/6126846_Art_for_mental_health%27s_sake/links/0046352a5e275a30f000000/Art-for-mental-healths-sake.pdf

Sérvio, G. (2021). *Netflix ultrapassa a marca de 200 milhões de assinantes*. Olhar Digital. Disponível em <https://olhardigital.com.br/2021/01/20/noticias/netflix-ultrapassa-a-marca-de-200-milhoes-de-assinantes/>

UNESCO (1982). *World Conference on Cultural Policies: final report*. Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000052505?posInSet=21&queryId=df5090c1-d9f4-4549-b375-77f9f7e4888a>